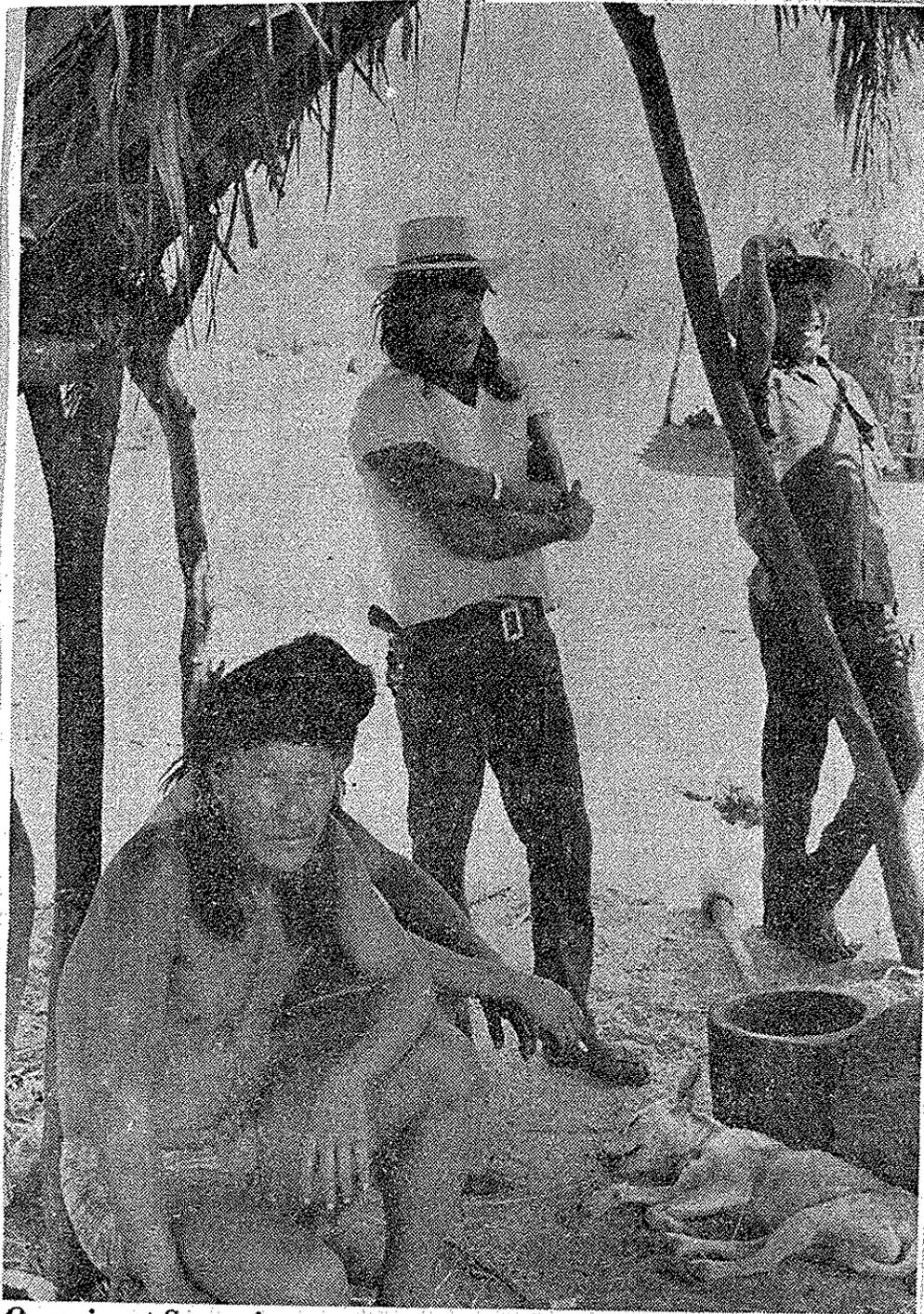


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: 1099

Data: 13.08.72 Pg.: _____



*Xavantes se
preparam* (JB)
para guerra
13.08.72

Ranchos incendiados, cercas derrubadas, ferramentas e armas confiscadas, ameaças de morte e de devastação das propriedades dos brancos: o quadro lembraria o das velhas histórias do Oeste americano, se não estivesse ocorrendo no rio das Mortes, onde os xavantes substituíram as flechas pelas carabinas e pretendem declarar guerra se suas reservas não forem respeitadas.

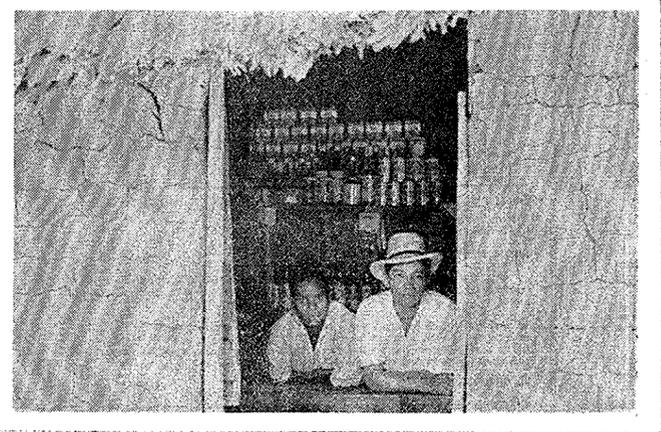
Para Francisco Beckman, fazendeiro branco, "isso é banditismo." Para Saamrê, o cacique xavante, é uma questão de direito, um verdadeiro *utis possidetis* — o direito de posse do primeiro ocupante — pois a terra sempre foi de sua tribo "e assim há de ser sempre." (Página 34)

O cacique Saamrê se arma para defender a posse de sua terra



Para Saamrê, o cacique xavante, o branco se apossa de seus campos de caça e persegue os colonos miseráveis que estão do seu lado

Enquanto a Fundação Nacional do Índio nega sistematicamente em Brasília a existência de um clima de tensão entre fazendeiros e xavantes em Mato Grosso, o enviado especial do JORNAL DO BRASIL à região constatou *in loco* a gravidade da situação que pode, de uma hora para outra, assumir proporções alarmantes: os índios exigem a imediata demarcação de suas reservas ou então prometem expulsar os invasores violentamente, numa guerra.



Índios armados exigem demarcação de sua reserva

Mário Chimanovitch

RANCHOS incendiados, ferramentas e armas "confiscadas", bem como intimidações diretas mediante ameaças de morte e de devastação total das propriedades de agricultores e pecuaristas, configuram as consequências de uma situação que perdura há mais de 20 anos, desde quando os xavantes foram pacificados e as suas terras — quase que imediatamente — começaram a ser retalhadas e vendidas pelos Governos anteriores do Estado. Agora, os índios se dizem cansados de esperar em vão pelas suas reservas e afirmam que as escrituras de posse dos brancos "não valem nada, pois a terra sempre foi nossa, e assim há de ser."

A confederação

Os índios xavantes são donos de uma latente vocação para luta. E toda a sua história demonstra que eles não se limitavam até bem pouco tempo a dar combate aos seus inimigos de outras tribos; guerreavam também entre si. Hoje, por mais estranho que possa parecer, essa situação mudou virtualmente: estão todos unidos, das aldeias de Pimentel Barbosa, ao longo do rio das Mortes, até Sangradouro, bem próximo a Cuiabá, contra aquele que eles consideram como o inimigo comum, o branco, invasor de suas terras.

No Posto Indígena de Arões a situação de beligerância configurou-se em toda a sua plenitude. Liderados por Saé-Moá — o chefe guerreiro — os xavantes passaram a hostilizar franca e violentamente os fazendeiros de quem as cercas de arame farpado vão reduzindo cada vez mais as dimensões dos campos de caça e habitação ocupados pela tribo.

Comparar o aldeamento de Arões a qualquer favela latino-americana é, irremediavelmente, cair em lugar comum. As condi-

ções de vida dos outrora valentes e orgulhosos xavantes é de extrema miserabilidade.

O arco e flecha foi substituído pela carabina, em verdade mais eficiente. Mas a caça é cada vez menor e os rios e córregos cada vez menos piscosos.

O boi tende a pisotear a maloca: é uma verdade irretorquível. E o xavante já assolado pela fome responde pela violência afugentando os fazendeiros ou a espera de uma resposta na mesma medida, que talvez também não demore a chegar.

O cacique da tribo em Arões é Saamrê, que os moradores de Xavantina, a apenas 42 quilômetros da aldeia, chamam de Adão. E Adão, apesar de cacique e disposto ao diálogo franco com o branco, não tem forças suficientes para refrear os ímpetos de Saé-Moá, o seu chefe guerreiro.

Na miserável aldeia existem cerca de 230 pessoas. Homens adultos são em número de 100 e cada um possui a sua carabina.

Os índios de Arões fazem parte do primeiro grupo pacificado em 1946 por Francisco Meireles. Hoje, eles ainda reclamam a presença daquele que julgam ser ainda responsável pela sua sorte.

"Meireles não vem aqui há muitos anos, pra preciso que ele viesse para consertar tudo o que está errado" — a queixa é do cacique, que afirma já ter estado em Brasília pedindo solução para o problema das reservas.

Já estive falando com o General Bandeira de Melo — diz Saamrê, num português arrevezado — ele me prometeu que iria resolver e nada cumpriu até hoje. O que fazer, senão expulsar essa gente que espanta a nossa caça e não tem pena de nós?

As ações

A aldeia dos xavantes, às margens do rio das Mortes e betrando

a BR-158, que vai ligar-se a Cuiabá-Santarém na altura de Caximbo, confronta-se com quilômetros de cercas de arame-farpado. Ao longo da estrada, de ponto em ponto, são ainda visíveis e recentes os sinais da ação dos índios. Ranchos para abrigo de peões de fazendas foram sumariamente incendiados como aviso para que o branco se retire imediatamente. Muitos já deixaram o lugar, vendendo a terra a outros ou simplesmente abandonando-as. A maioria, entretanto, permanece em expectativa, aguardando as providências da Funai que até hoje não chegaram.

E, enquanto a Fundação Nacional do Índio instaura em Brasília um inquérito para punir, possivelmente com demissão, o sertanista Apoena de Meireles por ter ele tornado público o problema dos xavantes, o fazendeiro Francisco Aloisio Beckman, com mulher e sete filhos menores, vive uma situação por ele classificada como "a mais perigosa de minha vida."

Gaúcho, descendente de alemães, Beckman comprou a fazenda de Três Mangueiras em agosto do ano passado e desde aquela época, quando a ocupou, passou a não ter mais tranquilidade para trabalhar.

Gaguejando e exibindo a escritura de compra da fazenda, "com todos os impostos em dia", Beckman explica a situação:

— Comprei a fazenda — que mede 2 mil hectares — do latifundiário Alfredo Tonetto. Recebi a documentação legal e pensei iniciar minhas plantações e criar gado. Pois bem, no dia 24 de agosto do ano passado, exatamente 16 dias após minha chegada, recebi um grupo de 10 xavantes que me pediram fumo e comida. Eu estava acampado com mais dois peões em pleno cerrado, elaborando planos para derrubadas. Tratamos os in-

díios muito bem, dando-lhes o que nos haviam pedido. Eles nos pareceram contentes e prometeram voltar no outro dia.

O fazendeiro conta que na tarde seguinte, dia 25, no mesmo local onde se achavam acampados, chegaram nada menos do que 23 índios armados exigindo que eles abandonassem a fazenda imediatamente:

— Tentei argumentar, mas não quiseram me ouvir. Apontaram-me as armas, engatilhadas, exigiram todos os valores que trazíamos. Assim, violentamente, carregaram todas as ferramentas, panelas, objetos de uso pessoal, três carabinas e, até, o pouco dinheiro, além das roupas e relógios. Isso para mim é banditismo.

Beckman esclarece que teve um prejuízo de cerca de Cr\$ 2 mil.

— Mas não ficou só nisso. Atrasei meu serviço e não pude iniciar o plantio nem receber o incentivo destinado a pecuária. Os peões foram-se amedrontados, estou sozinho com minha família e desarmado, pois as únicas espingardas que tinha os índios confiscaram. Eu e minha família temos vivido em estado de constante tensão. Volta e meia os xavantes rondam a minha casa e ameaçam matar a todos e queimar tudo, caso eu não me vá daqui e entregue as terras compradas com tanto sacrifício; que eles afirmam pertencer-lhes.

Responsabilidades

Na mesma situação em que se encontra a família Beckman existem muitas outras. E, diante do conflito, ambas as partes apontam a Funai como responsável pela situação de fato que estão vivendo.

Os fazendeiros acham que o órgão já deveria ter tomado as providências necessárias para assegurar uma terra "certa" aos índios.

Os xavantes, por outro lado, também acusam a Fundação de se manter omissa diante do problema.

— Papel de terra não vale nada para nós, a terra é nossa, muito antes de Meireles nos encontrar — o desabafo ainda é do cacique, que não parece assustar-se diante da perspectiva de voltar aos velhos tempos de luta.

Em Xavantina, o centro urbano mais próximo da aldeia e das fazendas, onde os moradores são todos funcionários da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudoc), o comandante do destacamento de Aeronáutica local, oficial Olmo Guedes, dá a sua opinião:

— Quem tem que resolver e responsabilizar-se pelo problema é a Funai. Nós, da Aeronáutica, não temos nada com isso. Essa história é velha e aqui defenderemos somente o destacamento, no caso de um ataque.

O militar deixa bem claro que no caso de surgimento de uma guerra declarada entre índios e fazendeiros, as suas providências serão mínimas:

— Quero dizer que não pretendo me envolver nesse conflito e nem ousar dizer com quem está a razão. O fazendeiro comprou sua terra e a tem legalizada. O índio por sua vez, nasceu aqui. Enfim, no caso de briga, coloco o rádio do destacamento à disposição dos interessados para alertar as autoridades competentes.

Comenta-se muito em Xavantina que na semana passada agentes da Polícia Federal estiveram percorrendo a região e apurando os fatos. Os índios, entretanto, parecem não se intimidar com a novidade:

— O que é que a polícia pode resolver — diz Adão — não dará as nossas reservas nem impedirá que invadam nossas terras, já tão pobres.

Em Xavantina não existe cine-

ma nem destacamento de polícia. Cada um faz a lei à sua maneira e a FAB só intervem diretamente quando algum de seus homens está envolvido em qualquer problema. Assim, se os mediadores — da Funai, no caso — não tomarem providências imediatas, um conflito imprevisível poderá estender-se até à pequena localidade que é cortada ao meio pelo rio das Mortes.

Na BR-158, uma estrada intransitável em qualquer época do ano, o casal Ramão e Cândida da Silva montou um pequeno bar ao mesmo tempo em que cultivava uma minúscula roça. Eles sabem para que lado estão torcendo:

— Estamos com os índios, não há nem dúvida, pois foram eles que nos ajudaram deixando a gente ocupar o terreno e plantar a rocinha. Se não fosse assim nós não estaríamos aqui.

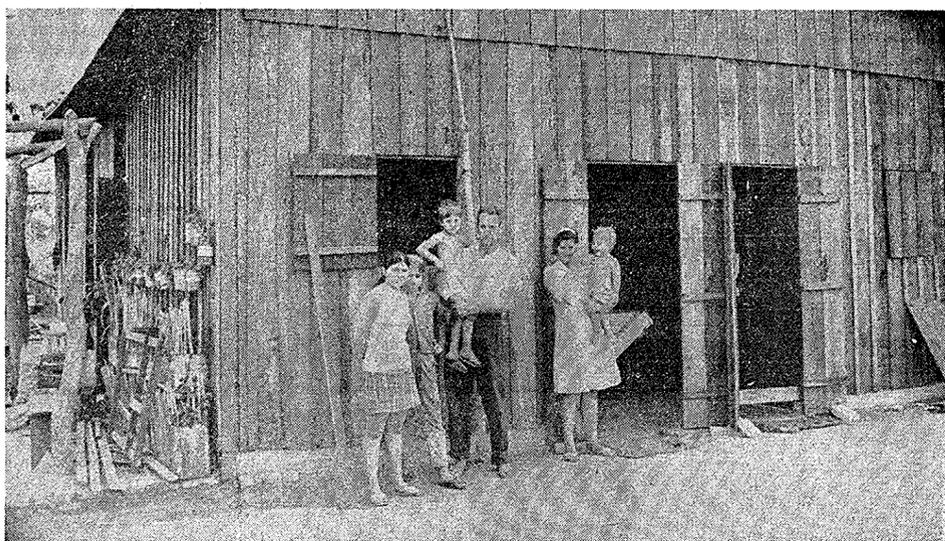
O cacique Saamrê, sempre de revólver à cinta, explica as razões do consentimento dado ao casal, para ocupar parte das terras:

— São pobres e miseráveis como nós, os índios. Nossa luta é contra o fazendeiro rico e ganancioso que só pensa em nos expulsar.

O cacique fala com determinação. E pela primeira vez em toda a sua história os xavantes estão unidos: Sangradouro, Couto Magalhães, Pimentel Barbosa, Arões e São Marcos são aldeamentos que vivem um problema comum. São cerca de 3 mil índios revoltados e prontos para a luta. Para eles pouco importam as fórmulas buscadas insistentemente para devolver-lhes as terras. Para os fazendeiros, por outro lado, a idéia de uma anulação de títulos de propriedade é assunto inabordable.

Saamrê, o cacique, que ainda quer acreditar numa solução pacífica, afirma que "é preferível morrer lutando do que mendigar em suas próprias terras."

Para os xavantes, é melhor morrer lutando do que mendigar na terra onde nasceu



Francisco Beckman e sua família já foram ameaçados de morte pelos índios em pé de guerra